



TCC/UNICAMP
An24e
3212 FEF/1194

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RACHEL MOURA DE ANDRADE

**O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO
FÍSICA:
uma análise da arquitetura
escolar**

Campinas
2006

3186



1290003212

RACHEL MOURA DE ANDRADE

**O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO
FÍSICA:
uma análise da arquitetura
escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr.Sérgio Stucchi

Campinas
2006

RACHEL MOURA DE ANDRADE

**O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO FÍSICA:
uma análise da arquitetura escolar**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Rachel Moura de Andrade e aprovado pela Comissão julgadora em: 27/11/2006.



Prof. Dr. Sérgio Stucchi
Orientador

Prof. Dr. José Irineu Gorla
Banca examinadora

Campinas
2006

Agradecimentos

Muitas vezes pensei em desistir pelo caminho. Mas a beira dele sempre havia alguém para me incentivar a continuar. Seja com o otimismo de que tudo daria certo no final, seja com palavras duras de cobrança. Cada um a sua maneira e no momento certo. Foram amigos, professores, colegas de turma, familiares. A todas essas pessoas que fizeram parte desses anos de faculdade, de maneira mais presente ou mesmo a distância, o meu agradecimento.

ANDRADE, Rachel Moura de. **O espaço da Educação Física: uma análise da arquitetura escolar.** 2006. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

A educação física dentro das escolas tem o seu espaço muito bem definido: a quadra. Seria esta a única possibilidade? Este trabalho busca fazer uma análise da arquitetura escolar, relacionando as mudanças no espaço físico com a apropriação do mesmo, principalmente nas aulas de educação física. As mudanças ocorrem em determinado momento histórico, que direciona a reconstrução do ambiente a fim de suprir as necessidades daquela dada ocasião. Neste estudo, utilizaremos o exemplo da escola estadual Francisco Glicério, examinando sua evolução desde a inauguração até os dias atuais. As pessoas que povoam esse espaço, a percepção que se tem dele e o enfoque que é dado ao analisar certo lugar são as peças que compõem o pano de fundo desta análise.

Palavras-Chave: Arquitetura; Educação física; Escola; Espaço

ANDRADE, Rachel Moura de. **The Physical Education's space: an analysis of the school architecture.** 2006. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ABSTRACT

The physical education inside the schools has its space well defined: the court. Would it be the only possibility? This work tries to do an analysis of the school architecture, relating the changes in space to the adaptation of people who use that space, mainly in the physical education classes. The changes happen in a certain historical moment that determines the rebuilding of the environment in order to fulfill the needs in that specific time. In this study we are going to use the example of the public school Francisco Glicério, examining its development since the first days until nowadays. The people who live in this space, the perception they have of it and the way they focus when interpreting a given place constitute the background of this analysis.

Keywords: Architecture; Physical education; School; Space.

SUMÁRIO

1 Introdução	08
2 Primeiros passos - a busca de fontes	11
3 Um pouco de História	16
4 Percepção, foco e pessoas	23
5 Conclusões	27
Referências Bibliográficas	30

1 Introdução

Escrever um trabalho de conclusão de curso implica em grande responsabilidade, pois, em tese, deve sintetizar o que foi apreendido durante todo o curso, em um texto ou pesquisa que demonstre nossa capacidade de analisar fatos pertinentes a nossa área de estudo, relacionando-os a teorias previamente elaboradas, e que passaram por nossa formação em algum momento.

Julguei pertinente, portanto, que a síntese de minha trajetória na educação física se iniciasse com minha entrada nessa área e o caminho que percorri para chegar até aqui.

Desde meu ingresso na faculdade sempre me envolvi mais com as questões ligadas à licenciatura. Ainda no segundo ano tive meu primeiro contato com a realidade escolar quando, juntamente com uma colega de sala, resolvi me aventurar a desenvolver um trabalho voluntário em uma escola estadual com alunos da quarta série. Não havendo um professor especialista, acabamos por assumir as aulas de educação física, ministrando-as uma vez por semana, no tempo de meio período letivo.

Foi a primeira vez que as limitações que o espaço físico impõe à nossa disciplina despertaram certa inquietação em mim. O conteúdo escolhido para o primeiro semestre foi “esportes coletivos”. Claro que tivemos as dificuldades de nossa inexperiência, mas de uma maneira geral, pode-se dizer que as coisas correram bem. Dando seqüência ao nosso planejamento, o conteúdo seguinte seria a ginástica. E foi então que saímos em busca do material e espaço mais apropriados àquela atividade dentro da escola. Não que não pudéssemos utilizar a quadra para tal finalidade, mas havendo na escola outra possibilidade mais adequada, por que não usufruir dela? E qual não foi nossa surpresa ao descobrirmos um salão esquecido na escola. O primeiro e maior obstáculo foi conseguir acesso à chave de tal sala, pois ninguém se lembrava mais onde encontrá-la. Lá dentro, colchões, arcos, maçãs, plintos e bolas acumulavam poeira, demonstrando que há muito não eram usados. As condições do espaço e dos materiais não eram as melhores, entretanto para nós foi como encontrar um tesouro perdido.

As aulas que se desenvolveram ali foram muito ricas, e pouco a pouco nós e os alunos fomos desenvolvendo nossa cumplicidade com o local. Em um primeiro momento, encontramos certa resistência das crianças em ficar em um lugar de aparência não tão atrativa. Até nós mesmas não nos sentíamos totalmente confortáveis ali. Peças do piso se soltavam. O que no começo era motivo de relutância dos alunos em participar das atividades, depois tornou-se comprometimento e virou hábito a cada início das aulas checarem o chão para garantir a segurança de todos, e todos participavam de tal tarefa. Ao fim do dia, também era de praxe organizar o ambiente, principalmente para garantir que não nos seria tirado o direito de aproveitar aquele espaço. As crianças sentiam-se responsáveis pela preservação daquele lugar onde podiam passar momentos agradáveis, e (gosto de acreditar nisso) aprender algo significativo.

O segundo encontro marcante com o exercício cotidiano das aulas de educação física dentro do contexto escolar deu-se na disciplina de prática de ensino, ou estágio supervisionado. Nessa ocasião, optei por outra faixa etária, em outra escola estadual: o desafio agora era o ensino médio. Lá me deparei novamente com minha inquietação original: será que todas as possibilidades de ambientes para as aulas de educação física são exploradas dentro da escola?

Bem, antes mesmo de analisar o espaço físico, é preciso salientar que a educação física ali não era muito bem fundamentada enquanto conhecimento – primeiro obstáculo. As aulas eram basicamente jogos, para os quais os próprios alunos se organizavam.

Um outro fator crítico era o fato de as aulas se darem em duas quadras que ficavam no meio do pátio de recreio dos alunos. Era difícil mantê-los concentrados com o grande número de pessoas que circulavam por ali, mesmo nos horários de aula.

O ponto positivo, entretanto, era o tamanho do lugar. Duas quadras, sendo uma coberta e outra descoberta, um campinho e mais dois pátios. Enquanto caminhava pela escola, já imaginava quantas coisas poderiam ser feitas ali. Novamente, o acesso ao espaço existente nem sempre é fácil. O empecilho dessa vez era o grande número de turmas; raramente o horário das aulas de educação física era reservado para uma turma só. O espaço sempre era dividido entre dois ou mais grupos, muitas vezes de séries diferentes. Sem contar os estudantes em “aulas vagas”, que insistiam em se misturar às turmas que estavam em aula de educação física.

Apesar dessa necessidade de divisão do espaço, novamente percebo que ele não é totalmente aproveitado como poderia. Apenas as duas quadras eram ocupadas, em esquema de rodízio.

As aulas abordavam basicamente futebol para os meninos e vôlei para as meninas. Havia aqueles alunos que nunca participavam das aulas, e certa vez, conversando com alguns deles ouvi queixas da falta de diversidade nas aulas. Lembro-me de uma aluna que explicitou seu desejo por aulas de ginástica artística. Naquela tarde ela me mostrava como sabia dar estrelas e equilibra-se na pequena mureta em torno da quadra, como se estivesse em uma trave de equilíbrio. Foi observando aquela cena que tive a certeza: eu iria estudar a maneira como o espaço físico e as apropriações que fazemos dele dentro do ambiente escolar interferem em nossas aulas.

Ao longo da graduação, muitas outras aulas foram planejadas e executadas. Algumas para nós mesmos, alunos da FEF¹, outras em projetos como visitas a escolas e principalmente em nosso estágio. Todas elas, pensadas e esquematizadas dentro de um limite de tempo e de um dado espaço físico.

Sempre foi questionado o quão distante da realidade nós nos “preservávamos” dentro da faculdade. Com todo o tipo de material a nossa disposição, com os mais variados equipamentos (quadras ao livre, quadras cobertas, piscina, ginásio, tablado, etc.) questionávamos até que ponto nossa prática era utópica, ou seja, de tudo aquilo que éramos capazes de realizar dentro da universidade, qual a porcentagem iríamos realmente aplicar como professores nas escolas. Pouco a pouco vamos nos dando conta de que essa resposta depende da criatividade, e principalmente da vontade de cada um.

¹ Sigla que designa a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

2 Primeiros Passos: a busca de fontes

Sabemos que a educação física escolar, devido a uma trajetória histórica, sempre esteve a serviço de certas instituições: médica, militar, esportiva; sendo cada uma delas de mais forte influência de acordo com a época.

Poderíamos classificar os movimentos vinculados à educação física, de acordo com Castellani (1994) da seguinte maneira: fase higienista – eugenista; fase da militarização, fase da pedagogização, fase competitivista, fase popular até chegarmos onde estamos hoje, uma educação física que busca entender a si própria e indicar caminhos para uma prática realmente significativa.

Hoje ainda vemos resquícios de todas essas fases, mas o mais evidente parece ser a instituição esportiva, sendo o esporte-performance a manifestação hegemônica na educação física escolar (ainda que restrito às quatro modalidades coletivas mais tradicionais: vôlei, basquete, handebol e futebol). Dentro desta lógica, a quadra se mostrou o espaço ideal na escola para tal finalidade. A educação física, então, fincou suas raízes neste espaço e parece não enxergar outras possibilidades.

Um ponto que parece ser compartilhado pelo senso comum é que educação física é sinônimo de movimento, agitação, barulho. Logo, seria inconcebível que tal “atividade” ocorresse na sala de aula, por exemplo. Lugar, por sua essência, de corpos parados, inertes e silenciosos.

Ouvimos freqüentemente que a educação física “atrapalha” a ordem da escola e, portanto, quanto mais afastada puder estar das “disciplinas sérias”, melhor será. Entretanto, algumas vezes, a educação física tem alguma utilidade para quem pensa dessa maneira. Ela serve sim, como um momento de distração e relaxamento para que os alunos voltem para os estudos mais dispostos. Às vezes nem isso; o “mau cheiro” dos alunos que voltam da educação física incomoda os professores. A educação física, então, vai para outro período do dia, aí sim,

totalmente separada e desvinculada das demais disciplinas. Sem contar com o caso mais grave, quando passa a ser terceirizada.

Desta forma, a educação física vai ficando cada vez mais alienada do resto da escola, estando sempre naquele lugar afastado. Os próprios professores se afastam dos demais, não participam de reuniões, não interferem no projeto pedagógico (é claro que esta é uma questão muito mais complexa que não é restrita ao afastamento físico da disciplina. Envolve outros aspectos que não serão abordados neste estudo).

Entretanto, a educação física se mantém dentro da escola como uma matéria de ensino, com um conhecimento legitimado. “Sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem naquela instituição. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar uma outra ordem na escola”. (SOARES, 1996).

A idéia de realizar uma pesquisa sobre o tema aqui tratado surgiu a partir de algumas reflexões nas disciplinas de graduação específicas da licenciatura. Em algumas dessas disciplinas tive a oportunidade de realizar visitas de observação em escolas de primeiro e segundo grau com o intuito de verificar como a educação física se situa dentro dessas instituições.

Um aspecto em especial me chamou a atenção: todas as escolas utilizavam unicamente a quadra esportiva para realização das aulas, mesmo nos casos em que havia uma outra estrutura de área livre. Isso me fez levantar a hipótese de que o espaço da quadra, com as demarcações específicas daqueles quatro esportes coletivos induzia à redução do conteúdo da educação física àquelas modalidades.

Amadurecendo um pouco esse conceito e partindo para um julgamento mais amplo, percebi que a escola como um todo; é carregada de simbolismo. Todas as paredes, a localização das salas de aula, a disposição das carteiras e, principalmente, como as pessoas se portam dentro desses ambientes não são mera coincidência. Daí o intuito de abordar a arquitetura escolar neste estudo.

Para delimitar meu campo de estudo optei por analisar apenas uma escola, desde a sua fundação, acompanhando as mudanças ocorridas até os dias de hoje. A escola escolhida foi a mesma escola em que estudei no ensino fundamental. Essa escolha se deu pela

vasta quantidade de material encontrado na escola. Grande parte desse material foi organizado para a comemoração do centenário dessa instituição escolar, comemorado no ano de 1997.

Buscar as fontes para minha pesquisa foi uma experiência um tanto quanto interessante, para mim, como pessoa, já que me vi novamente diante daquele lugar onde passei tantos dias da minha vida. Foi o primeiro impacto e verdadeiro indício prático de como o ESPAÇO nos influencia. Antes de ver qualquer rosto conhecido, sentir qualquer cheiro que me trouxesse uma lembrança ou mesmo presenciar uma cena familiar, foi a visão do prédio que acelerou meu coração e disparou um turbilhão de memórias. Ao pisar dentro da Escola Estadual Francisco Glicério me deparei com o mesmo corredor, a mesma pintura nas paredes e até mesmo o velho relógio que dava o sinal de entrada. A sensação era de que tudo havia diminuído; quando a gente cresce a **percepção** do ambiente também muda! Sentei naquele banco de madeira em frente à diretoria aguardando o atendimento da coordenadora da escola. Naqueles poucos minutos que ali fiquei meu olhar era outro. Diferente de todas as outras vezes que havia estado ali. Agora, parecia mais aguçado, atento a qualquer movimento, a qualquer detalhe nas paredes, nos móveis, em tudo ao redor. O **foco** também muda nossa maneira de enxergar o espaço! De repente uma agitação toma conta do ambiente por conta de um conflito: alguns alunos surgem pelo corredor das salas de aulas, sedentos por sair daquele espaço. Ir ao banheiro, à biblioteca, beber água, todas as desculpas possíveis são apresentadas ao inspetor de alunos, que nega veementemente o pedido dos alunos (que mais tem som de súplica). A impressão que se tem é que é liberdade o que eles buscam. Uma fuga desesperada da vigília constante. O confronto começa a ser quase que corporal. A chave trancando a porta é a solução encontrada pelo funcionário da escola, que resmunga como que para ser ouvido “que impressão vocês querem passar para as pessoas que vêm de fora? Que nessa escola tudo é uma zona? Sei que a professora não autorizou a saída de vocês da sala”. E, virando-se para mim, “você me desculpa, viu. Não é sempre assim. Essa turma é que é terrível”. A imagem agora era do espaço como limitador. As **pessoas** que o povoam ou que por ele circulam também interferem de maneira significativa na nossa interpretação do espaço.

Tendo em mente estas variáveis: pessoas, foco do olhar, experiências anteriores e outras mais que possamos descobrir pelo caminho, o objetivo deste trabalho é o de analisar o espaço físico das escolas, de uma escola específica. Entretanto o exemplo que usaremos neste trabalho, a escola Francisco Glicério, reflete a realidade de tantas outras. Entenda-se que esta

análise engloba também, e principalmente, a apropriação e representação deste espaço dentro das escolas pela educação física. De que maneira e até que ponto o espaço determina as práticas ali efetuadas? As pessoas transformam os espaços ou são por ele moldadas? O momento histórico também reflete na interpretação e uso que se faz da arquitetura. Mas como isso se produz? Bem, buscar as respostas para essas perguntas é a meta que procuraremos atingir ao fim deste trabalho. Pode ser que ao fim dele, muitas outras surjam, mas é assim que se aguça a curiosidade e se constrói conhecimento.

Nessa busca, só o *meu* olhar seria um pouco limitador. Então por que não ampliar nosso campo de visão? Procurar também o olhar daqueles que pensaram aquela escola, daqueles que nela viveram em seus primeiros momentos. Essas pessoas que passaram por ali e de alguma forma também deixaram sua marca. Parte dessa memória, de um tempo passado, dos idos de 1897, ano em que se inaugurava a Escola Estadual Francisco Glicério, será resgatada neste trabalho através de material encontrado nos arquivos da escola. Recortes de jornal, cadernos de alunos, relatos de ex-alunos, ex-funcionários e fotografias; estes serão nosso meio de transporte nessa viagem no tempo. Na bagagem levaremos também referencial teórico, levantado através de pesquisa bibliográfica.

Após várias tentativas, finalmente obtive algum sucesso para acessar o acervo da escola escolhida como tema deste estudo. Dentre os documentos encontrados, destacam-se:

- Pastas “EEPG Francisco Glicério – pró memória” (n.7 – A Escola, n.8 – o Patrono, n.9 – Documentos e diplomas).
- Livro Metodologia e prática da educação (caderno da aluna do curso normal Maria Luiza de Castro, de 1964).
- Álbuns de fotografia:
 1. Década de 30 (fachada do prédio, turmas, professores, desfiles, alunos em formação no pátio).
 2. Retratos das turmas de infantil de 1956, 1962 e 1963, fotos de desfiles da década de 60.
 3. Comemorações cívicas (a maioria da década de 60, algumas sem data).

4. Desfile de sete de setembro de 1984, atividades na escola como cama elástica, xadrez, ginástica geral na quadra, apresentação de alunos no palco.
5. Olimpíadas na escola em 1992, alunas apresentando coreografias com fitas, hasteamento da bandeira em frente à escola, festa junina.
6. Estudos do meio, festa junina de 1994, reforma e restauração – fotos do prédio.
 - Fotos avulsas – comemoração do centenário da escola.

Apesar do vasto material, infelizmente, nada pode ser retirado da escola. Há um projeto de recuperação da memória escolar sendo realizado na escola, como parte de um trabalho de iniciação científica, pela aluna da faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas Ana Karolina Miranda, orientada pela professora Maria Cristina Menezes. Este projeto tem como objetivo a organização das fontes documentais, o material museológico e as fontes iconográficas da escola Francisco Glicério. Se por um lado tive a felicidade de ter acesso a uma parte desse material que ainda se encontrava na escola, por outro, além da não permissão de retirada desses documentos, a outra parte que já estava em processo de higienização e restauração não pôde ser estudada. É claro que apesar da frustração no meu trabalho especificamente, este projeto traz grande alegria, pois é a garantia de que a memória de um local tão importante na história de Campinas estará preservada.

A princípio, meu trabalho seria baseado na análise de fotografias, porém devido à impossibilidade de enriquecê-lo com figuras, fica apenas a minha descrição e entendimento de tais fotografias como pano de fundo para algumas considerações.

3 Um Pouco de História

A história, dentro do quadro das ciências humanas, não é passível de previsões, nem de verdades absolutas. Está continuamente sendo estruturada e interpretada. Deste modo, ao mesmo tempo em que construímos história, somos construídos por ela. O passado tem efeitos no presente; e talvez novos efeitos no futuro, que trarão uma nova interpretação do passado. Esse fato já indica porque a história é reescrita.

Junta-se a essa justificativa o papel do homem ao escrever e interpretar história. O simples fato de ser homem já implica numa série de fatores internos (como personalidade) e externos (cultura, contexto social, necessidades, etc.) que, independente de sua vontade, interferem na sua forma de ver o mundo.

Há ainda as conseqüências dos acontecimentos. Estas podem ocorrer em curto prazo e serem julgadas encerradas. Daí nasce um conhecimento histórico. Porém, tempos mais tarde, aquele mesmo acontecimento provoca reações não previstas naquele primeiro momento. A partir dessa nova reação tem-se uma nova leitura da realidade, e do acontecimento que a gerou.

Assim, todas essas questões somam-se para explicar o fato da história ser continuamente reescrita. Então, aí vai um pouco de história...

Final do século XIX, ano de 1897. No dia 7 de fevereiro era inaugurado o primeiro Grupo Escolar de Campinas, construído pelo Governo do Estado. Com cerca de 350 alunos, o imóvel contava com oito salas – sendo quatro em cada pavimento, um superior e outro térreo. O pavimento térreo estabelecido exclusivamente para as meninas e o superior para os meninos. Situado a rua Dr. Moraes Sales, no coração da cidade, o grande edifício, construído especificamente para abrigar uma escola, destacava-se em meio a residências e casas de comércio. Ramos Azevedo; foi o arquiteto responsável por tal obra, assim como por grande parte dos grupos escolares construídos no estado de São Paulo na mesma época. A ele foi incumbida a missão de erguer não apenas prédios, mas símbolos de uma sociedade que se pretendia construir. Um edifício escolar devia informar “a sociedade os valores sociais, culturais e morais dos quais se tornava o guardião” (SOUZA, 1997, p. 23).

Nosso país vivia um período de grandes mudanças sociais, em que as indústrias começavam a se instalar e conflitos com a classe operária apareciam nesse cenário, contrastando com o ar de modernidade. A expansão das cidades, impulsionada pelo crescimento das indústrias e conseqüente acumulação de riquezas, não era acompanhada pelo desenvolvimento de serviços fundamentais necessários a um centro urbano, como limpeza das ruas e saneamento básico. A nação Brasil precisava então modernizar, moralizar e higienizar seus cidadãos.

Ora, se por um lado a educação vinha como ferramenta para melhorar a imagem brasileira, não mais vinculando-a ao status de província, de mãos dadas a ela encontramos a educação física como colaboradora e disciplinadora da vontade, da saúde e da higiene. Assim, a educação física justificava e firmava sua presença dentro da escola. Essa afirmação fica nítida nas palavras de Azevedo (1960, p. 216) citado por Marcassa (2000, p. 86): “O país que não tem educação física (tomada essa expressão no sentido mais amplo), não poderá jamais erguer seu povo à altura da missão que lhe cabe, na construção de uma sociedade nova”.

Nos primeiros anos de república, a função da escola era também a de propagar e divulgar a ação do governo. Isso explica a grandiosidade e imponência de sua arquitetura. Além disso, disciplinar o cidadão para representar esse novo ideal de nação que se constituía. Um homem que atendesse as expectativas de um Brasil moderno, portador de conhecimento e valores, princípios morais e cívicos, um homem preparado para o trabalho. À escola primária cabia a tarefa de preparar esse cidadão para promover o progresso.

Analisando o programa de ensino deste período, fica fácil perceber essa intenção. Dentre os conteúdos clássicos como leitura, escrita, matemática, geografia, física, etc, encontramos noções de higiene, “exercícios ginásticos e militares, trabalhos manuais apropriados à idade e ao sexo. (Decreto nº 248, de 26/7/1894)” (SOUZA, 1997, p. 26). Ainda segundo Souza, as crianças deveriam aprender “noções de civilidade, urbanidade, ordem e disciplina”.

Cabe aqui ressaltar a importância que a educação física teve nessa ocasião, principalmente com a ginástica. Se o conteúdo a ser abordado era a ginástica, o espaço perfeito para essa prática eram os pátios. Da data de sua inauguração, a escola Francisco Glicério contava, além do prédio com Oito salas de aula, com um grande pátio ao ar livre. O acervo de memória da escola guarda fotografias de exposições de ginástica nesse recinto. Fotografias são fontes intrigantes, porque também levam à interpretação de o que o fotógrafo intencionou mostrar.

Neste caso, vemos dois grupos de crianças, separadas por sexo, perfeitamente enfileiradas, realizando amplos movimentos de braços, altamente sincronizados, com roupas brancas, num misto de limpeza e ordem.

A escola pública era um símbolo da república, uma mostra de “novos tempos” – já que, até o final do Império, a educação era uma atribuição quase que exclusiva da Igreja. No interior do estado, a escola passou a ocupar o lugar destinado aos centros de poder: a praça. O espaço arquitetônico, portanto também implica em exercer poder, especialmente quando limita e busca disciplinar o corpo. Disciplinar, sendo definido como a utilização de “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1987, p.139), seria uma das peças chaves para um bem sucedido processo educacional da época. Em *Vigiar e Punir*, Foucault trata com muita propriedade do tema da “Sociedade Disciplinar”, implantada a partir dos séculos XVII e XVIII, consistindo basicamente num sistema de controle social através da conjugação de várias técnicas de classificação, de seleção, de vigilância, de controle, que se ramificam pelas sociedades a partir de uma cadeia hierárquica vindo do poder central e se multiplicando numa rede de poderes interligados e capilares. O ser humano é selecionado e catalogado individualmente, não no sentido de valorizar suas particularidades que o fazem um ser único, mas para melhor controlá-lo. A criação dos grupos escolares encaixa-se perfeitamente nessa descrição. Classificar os alunos por séries vigiá-los e controlá-los.

O controle não só do espaço, mas também do tempo, aparece no contexto escolar, e não é diferente no Francisco Glicério. Interessante notar que em sua fachada, este grupo escolar foi ornamentado com um grande relógio, representação de uma “instituição de ordenação temporal da infância e da vida social” (SOUZA, 1997, p. 23). O primeiro grupo escolar possuía também alguns materiais que demonstram a preocupação com a racionalização do tempo como o sino, o quadro de horários e os relógios de parede. Objetos que permanecem até hoje exercendo essa função.

Os equipamentos e materiais da época da inauguração desta escola deveriam condizer com a grandeza de sua estrutura arquitetônica. “É preciso ver na composição material a expressão do significado sócio-cultural da escola, um aspecto que também contribuía para a diferenciação dessa escola em relação aos outros grupos escolares da cidade” (SOUZA, 1997, p.

50). Dentre os materiais de que a escola dispunha, cabe aqui destacar os relacionados à prática de atividades físicas: 150 alteres de um quilo, 50 alteres de 2 quilos e 24 bastões simples são citados no livro de comemoração ao centenário da escola. (SOUZA, 1997, p. 51). Materiais coerentes como propósito da educação física em tal ocasião.

Nas décadas seguintes, anos 30 e 40, a educação física continua a moldar o tipo de cidadão que a nação quer, desta vez o corpo forte, belo e saudável, sem deixar de lado o cuidado com o caráter e a moral. Passa-se a dar grande valor à razão e à ciência, como podemos constatar com a importante presença de exames antropométricos nas escolas.

Esses fatos claramente estão ligados com o crescimento das cidades e a modernização. A nova dinâmica do espaço dita as regras e limites para os corpos, que deveriam ser disciplinados e homogêneos. Ainda a ginástica é tida como conteúdo privilegiado, mas não qualquer ginástica; apenas aquela com gestos e formas padronizadas e disciplinadoras (método francês).

Dentro das escolas, escolhiam-se aqueles alunos que melhor representariam o modelo de sociedade (e de cidadão) a ser seguido: os mais fortes e saudáveis. Eram então exibidos nas comemorações cívicas como exemplo a ser seguido e como resultado eficiente da educação (educação física) na formação dos jovens: “o futuro da nação”.

É deste período histórico que mais encontramos documentos, principalmente recortes de jornais, na escola Francisco Glicério. O principal assunto são as festas cívicas, com desfiles pela cidade. Várias fotografias deste tema também foram encontradas.

Fora desse quadro que se mostrava aos olhos de todos, havia aqueles “degenerados”, aqueles que não se enquadravam no padrão e que precisavam ser moldados.

A arquitetura também contribui nessa construção do modelo de homem. Segundo Danailof (2002, p. 83) “a idéia de uma cidade em constante transformação pela ação do progresso é o indicativo de que os corpos compunham e eram forjados pelo ambiente, definindo-lhes limites”. Por volta deste período, justamente pelo crescimento e transformações pelas quais Campinas passava, houve a necessidade de alargamento de algumas ruas, incluindo a Moraes Sales. Para tal, o jardim em frente ao Francisco Glicério teve que ser sacrificado. Eis um trecho de artigo publicado no jornal correio popular, de 23 de dezembro de 1979: “Em outros tempos a

EEPG² Francisco Glicério, à Avenida Moraes Sales, possuía um jardim frontal muito maior, isolando o prédio da via pública. Mas, o alargamento desta foi feito a custados canteiros da velha escola”. Este é apenas mais um indício das exigências do espaço. “Exigências que remetiam à ordem, à saúde e à disciplina no trato com o tempo, então ritmado pela velocidade das máquinas e economia dos gestos e em sua ação nas ruas ora tão largas e retas que não mais aceitavam ‘passos tortos’, educados em ‘becos tortos’” (DANAÍLOF, 2002, p.127).

A partir deste ponto, ou seja, dos anos 40 até meados dos anos 60 temos uma lacuna nos documentos encontrados na escola. Porém, de acordo com Souza (1997) este foi um período de grande sucesso e reconhecimento em que a escola investiu em projetos como “Cine Educativo”, “Radio Educativa”, etc., sendo premiado em diversos concursos que elegiam os melhores alunos do estado.

Data de 1964, outro registro importante, a meu ver, para este trabalho. Trata-se de um caderno de uma aluna do curso normal (ou magistério). Os trechos que mais chamam a atenção são aqueles relacionados ao espaço físico, desde a escolha do terreno para a construção de uma escola, até a disposição das carteiras dentro das salas de aula.

Aspectos como iluminação, arejamento, dimensões e disposição das salas de aula são minuciosamente descritos, demonstrando a preocupação da influência do ambiente na aprendizagem.

No que diz respeito às demais instalações é citada a necessidade de haver nas escolas jardins, pomares, campos de jogos, pátios para descanso e recreio. A escola estudada neste trabalho, ainda que tivesse dimensões pequenas, contava com toda essa estrutura, exceto pela área destinada aos jogos.

A próxima transformação marcante na arquitetura da escola Francisco Glicério ocorre no ano de 1975: a criação da “praça de esportes” ou quadra poli esportiva. Desde meados dos anos 60, essas aulas eram ministradas fora do ambiente escolar, no grêmio recreativo da companhia FEPASA, o que acarretava problemas de ordens diversas, como: tempo, distância e condução.

² Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau

Neste período a educação física vive um momento de “competitivismo”, no qual o conteúdo predominante passa a ser o esporte. Portanto, nada mais lógico do que a construção de um espaço que atendesse a essa nova necessidade.

Tal inauguração acontece em grande estilo, com a presença do então presidente da câmara municipal de Campinas, José Carlos Scolfaro, que realiza o corte da fita e apresenta discurso sobre a “importância do esporte na vida do estudante, dos benefícios à saúde, propiciado pela prática dos mesmos”, como é narrado em artigo do jornal Correio Popular de 11 de novembro de 1975. Percebemos nessa fala, não apenas o esporte como conteúdo hegemônico, mas, além disso, como instrumento para a busca ou melhora da saúde.

Ainda no jornal Correio Popular, encontramos outra matéria sobre a escola que estudamos neste trabalho, esta publicada em 23 de dezembro de 1979, com destaque para a educação física. “Uma velha escola e suas muitas lições – EEPG Francisco Glicério: tradição, e ao mesmo tempo, muita atualização nos métodos e processos de ensino” é o que diz a manchete. No corpo do artigo ainda encontramos o subtítulo: “Ponto alto: Educação Física”. Esta é tratada como “fundamental para o desenvolvimento geral do educando”. A matéria afirma ainda que é através das atividades em grupo, ao ar livre e com os jogos que as crianças fortalecem, além das habilidades motoras, também os valores morais. É possível perceber que esse discurso surgido nos primeiros anos da república, ainda aparece constantemente no que se refere à nossa disciplina, ainda que de maneira mais discreta.

Quanto aos conteúdos abordados nas aulas, vemos agora o esporte com força maior dentro da escola Francisco Glicério. Tal movimento coincide com o momento histórico da educação física, o que também justifica a construção da quadra de esportes dentro da escola. Segundo as palavras da então professora titular de educação física Cleide Aparecida Albrecht Ribeiro, ainda para a entrevista do jornal Correio Popular:

Aproveitando seu caráter essencialmente ativo, podemos levar a criança a adquirir hábitos higiênicos, melhorar a capacidade intelectual e promover a integração social. O ritmo trabalhado desde o início favorece o trabalho de aprendizagem em todos os sentidos, até a aplicação desportiva, que é a aprendizagem dos desportos, como o voleibol, basquete, handebol, atletismo e ginástica, cuja finalidade no primeiro grau é essencialmente social.

É neste período que a escola Francisco Glicério dedica grande empenho nas competições esportivas, assim como destaca os feitos de seus alunos neste âmbito. A biblioteca

abriga vários certificados de participações de alunos em olimpíadas, jogos e competições, que em sua maioria datam do ano de 1963 até os anos 90.

As aulas de educação física continuam a disciplinar os corpos, apenas com novo enfoque. Ainda na fala da professora Cleide “a criança aprende a ocupar um espaço sem perturbar a ordem e a respeitar o companheiro no trabalho corpo a corpo”. Novamente a escola aparece como o lugar da “ordem”.

Essa lógica parece perder força apenas nos dias atuais. É claro que as escolas, de uma maneira geral, ainda prezam a organização e a disciplina. Porém uma nova concepção começa a aparecer também na arquitetura escolar.

Os muros que cercam a quadra da escola Francisco Glicério hoje são murais pintados pelos alunos, em uma tentativa de resgatar o sentimento de respeito pelo ambiente em que estudam.

O desenvolvimento da cidade trouxe a violência, dentro e fora da escola. Em sua fachada, em lugar do belo jardim que havia nos idos de 1900, temos grades e cercas de alambrado por toda a parte. A sensação é de isolamento do mundo exterior e restrição de liberdade, que contrastam com a movimentação incessante dos corpos “presos” ali dentro.

Assim, chegamos ao período atual e entendemos um pouco os motivos que levaram a escola Francisco Glicério a se constituir no que ela é hoje. Após toda essa retrospectiva histórica, é hora de pensarmos nos fatores que interferem na nossa avaliação e interpretação do espaço que nos cerca.

4 Percepção: foco e pessoas

Ao analisar um dado espaço físico algumas variáveis afetam nossa interpretação deste ambiente. Como foi citado no segundo capítulo deste trabalho, a percepção que temos, o que queremos focar e que tipo de pessoas povoa esse ambiente, e principalmente com qual intenção, foram os principais aspectos levantados ao realizar este trabalho. Como pano de fundo principal temos também o momento histórico, não só o que se vive naquele instante, como também o tempo passado que deixa marcas e simbolismos impregnados de tal maneira que a utilização e a apropriação do espaço acabam por ser influenciadas ou limitadas a certos hábitos adquiridos.

A apreensão de detalhes da escola em que vivi durante cinco anos de minha vida foi completamente diferente da que tive em algumas visitas em busca de fontes para este trabalho. É claro que devemos levar em consideração todo o conhecimento obtido nos anos de minha formação após o Francisco Glicério, porém o que parece ser mais relevante é que antes mesmo de aguçar meu olhar como pesquisadora pude perceber que algo ali estava muito diferente. Aqueles corredores que atravessávamos para chegar a nossa sala de aula, que pareciam enormes, agora eram tão pequenos. A própria quadra, eu poderia jurar que tivera dimensões maiores no tempo em que participei das minhas aulas de educação física e de tantos campeonatos. É interessante notar como o espaço se torna “menor” quando somos adultos, geralmente menos imponente, pois já estamos habituados a ele. O lugar é o mesmo e as dimensões são as mesmas. Mas, como se sentem as crianças que ali estudam ou como entediam e o que levaram dali tantas outras que por ali passaram? A impressão que se tem é que a escola deixou de ser um ambiente altamente formal, onde se prezava a ordem e a disciplina para tornar-se um espaço mais democrático, ainda que de uma forma ou de outra ainda presenciemos vestígios da mentalidade rígida dos anos iniciais do grupo escolar. Ainda existem espaços determinados para certas atitudes. Correr nos corredores, andar pelo pátio no horário de aula, ficar na quadra sem executar as tarefas da aula de educação física são, por exemplo, condutas consideradas inadequadas. Essa última observação principalmente me chamou a atenção. Será que participar de uma aula de educação física que seja significativa realmente necessite que eu

esteja com meu corpo em movimento? Observar um jogo e analisá-lo criticamente não seria tão enriquecedor quanto jogá-lo? Essas perguntas, geralmente são respondidas antes mesmo de serem feitas. E quem dá a resposta é a própria arquitetura impregnada de valores e representações. Criou-se uma cultura que dita que a quadra é o lugar para a prática esportiva e as salas de aula são ambientes de silêncio onde se adquire conhecimento. Portanto, um aluno que permanece na quadra é instigado o tempo todo a tomar parte em alguma atividade física, seja integrando um dos dois times que disputam a partida, seja batendo bola em uma rodinha ou até mesmo subindo e descendo degraus como em uma aula de “step”.

Por outro lado, observamos também uma tendência de abrir a escola para a comunidade, ao mesmo tempo em que há uma tentativa de fazer os alunos se sentirem responsáveis pela conservação do local onde passam boa parte de suas vidas, sentindo-se parte integrante e peça fundamental na composição do ambiente escolar. Na escola Francisco Glicério, umas das iniciativas nesse sentido foi a pintura das paredes em volta da quadra pelos próprios alunos. Alguns painéis foram pensados e produzidos por eles, e lá estão, representando seus pensamentos, suas maneiras de encarar a vida e acima de tudo representando que são respeitados e pertencem àquele espaço, assim como o espaço pertence a eles.

Diferentemente dos tempos do grupo escolar, e de até bem pouco tempo atrás, a escola deixa de ser um “templo de civilização”, como bem descreve Souza no título de sua obra, o que foi a escola pública no início do século XIX, para abrir suas portas em projetos como “escola da família” que trazem a comunidade para realizar atividades dentro da escola.

Outro fator que devemos levar em consideração é que o hábito banaliza o olhar, ou seja, ao freqüentar o mesmo ambiente durante muito tempo, como é o caso das escolas, deixamos de atentar a detalhes. Uma criança que visita um colégio pela primeira vez, com certeza repara muito mais em todos os detalhes, como que fazendo um “reconhecimento de terreno”, procurando com quais características se identifica e como pode se adequar para melhor encaixar-se a este ambiente.

O foco então interfere significativamente na maneira de enxergar o mundo. Entenda foco neste contexto não apenas como o que se presta atenção ou não, mas também o que se busca mostrar. Por exemplo, em minha primeira visita à escola Francisco Glicério, a imagem que se buscava transmitir era a do “espaço organizado”. Isso se revela na postura do inspetor

diante da presença de alunos nos corredores. Ao perceber que eu observava a cena, rapidamente ele vem em minha direção para me dar explicações de porque aquilo estava acontecendo.

Outro exemplo de como manipulamos o julgamento das pessoas em relação ao ambiente, ainda pensando em como o foco pode ser manejado para mostrar o que queremos, são as fotografias. De acordo com Kossoi citado por Guimarães, é

[...] o assunto selecionado, a escolha e as ações do fotógrafo, enfim, o processo de construção da representação do fotógrafo - *a primeira realidade, ou realidade interior da imagem fotográfica, a história do assunto no passado*. Porém, a construção foi a partir do real; desse modo, a fotografia era um documento do real, e a imagem obtida, sua segunda realidade - *o assunto representado, o conteúdo explícito da imagem fotográfica*. Para decodificá-la deveria conhecer sua história, o processo de criação do fotógrafo, suas intenções.

Foi levando isso em consideração que me deparei com as fotos do grupo escolar. A pergunta central que passava em minha cabeça era qual teria sido a realidade daquele momento fotografado e porque aquele ângulo e/ou aquele tema teriam sido escolhido para serem imortalizados.

O próprio estilo das fotografias revela muito da história e da intenção ao se fotografar. As fotos das apresentações de ginástica, dos desfiles cívicos, e mais tarde das competições escolares demonstram a imagem da escola que era construída. Até mesmo o fato de haver mais registros de algumas épocas do que de outras não é mera coincidência.

Às vezes fica difícil imaginar que as pessoas que aparecem nas fotografias são personagens reais da nossa narrativa. Imortalizadas em um retrato, são como pinturas, com expressões em seus rostos que parecem sempre ter estado ali. Mas elas realmente viveram e circularam pelas salas da escola Francisco Glicério.

Da data de inauguração, apenas as crianças de classe mais privilegiada conseguiram vaga para estudar ali. Isso era, de certa forma, contraditório com o propósito inicial dos grupos escolares, que era “civilizar” os estudantes. Pouco a pouco, a escola vai abrindo portas para as classes menos favorecidas, até chegarmos à situação atual, aonde a grande maioria, se não todos os alunos vêm de classes mais baixas.

Entender a cultura das pessoas que vivem em determinado espaço é fundamental para compreendermos a maneira como elas utilizam esse espaço e com qual

finalidade. Neste sentido, o discurso de cada época, do que a sociedade indica ser o “correto”, marca também a atividade realizada nas escolas.

É difícil definir de maneira estática a medida exata que cada um desses aspectos - percepção, foco e pessoas - influem na nossa maneira de ver o mundo. O certo é que eles estão interligados e exercem uma função de ponte entre a realidade que nos cerca e o que percebemos e interpretamos dela.

5 Conclusões

Ao analisar as mudanças ocorridas em uma escola com o passar dos anos, percebemos que a peça chave é a história, não só dessa escola, como também a do país em que ela se encontra. A história vai ditando as necessidades, e o espaço, a cultura, os hábitos, vão se adaptando para atender essas necessidades. Claro, a história é feita por nós, homens e mulheres, que a construímos a cada dia com nossas ações.

O espaço é a soma das conseqüências da atividade humana sobre a Terra. A paisagem não é fixa e, assim como a economia e as relações sociais e políticas. Modifica-se cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança para adaptar-se à nova realidade. Os locais do nosso cotidiano, os locais de trabalho, de estudo, de lazer, são concebidos para atender as necessidades da produção, assim, a sua finalidade última é atrair e seduzir o consumidor. (SANTOS, 1982).

O espaço em si deixou de ter um simples papel funcional, passando a carregar símbolos e representações de conteúdos e valores que não lhes são próprios. No caso da escola, estes símbolos e significados de que falamos estão alicerçados nos conteúdos. Segundo Santim (1992), o conteúdo específico da educação física é o movimento, capaz de alterar profundamente os espaços escolares. Para esse autor, estas alterações acontecem principalmente em função da intencionalidade de quem executa o movimento, que pode ser uma simples ação mecânica ou mesmo uma expressão artística. O gesto pode ser a manifestação de uma idéia, de um significado, um sentimento. Para complementar essa concepção vale citar o antropólogo brasileiro Dayrell (1995):

[...] a arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma de construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento de seus usuários. [...] O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa.

Essa situação se materializa no caderno da aluna de magistério que foi encontrado nos arquivos da escola. Há uma descrição detalhada da disposição das carteiras dentro da sala de aula, que varia de acordo com o movimento educacional adotado. A escola tradicional, por exemplo, posiciona as carteiras enfileiradas em colunas simétricas, os alunos sentam-se

individualmente, e o professor ocupa o lugar de destaque, em frente à classe, favorecendo, segundo essa lógica, o exercício da autoridade. Já na chamada “escola renovada”, os alunos sentam-se em pequenos grupos, facilitando o convívio e a troca de experiências.

No que diz respeito à educação física, a concepção metodológica que se busca aplicar também implica em diferente ocupação do espaço. A educação física higienista/eugenista privilegiava o corpo belo e forte, e tinha suas bases alicerçadas sobre a ginástica. Os pátios; alteres e os aparelhos de ginástica eram o suporte necessário para essa prática. Já o movimento competitivista, com o conteúdo dos esportes, sugere a modificação e adaptação do espaço, levando a construção de quadras de esportes.

O objetivo deste trabalho era o de relacionar as mudanças no espaço físico de uma escola com as mudanças ocorridas na educação física, em busca de entender o quanto nossas aulas são influenciadas e dirigidas pelo espaço a elas destinado e/ ou disponível.

Duas considerações iniciais podem ser citadas. A primeira é que não apenas o espaço influencia os conteúdos abordados pela educação física, mas o movimento contrário também é verdadeiro. Ou seja, o desenrolar da história da educação física vai direcionado as modificações no uso de espaço e materiais. Lembrando que a história da educação física acontece junto com a história do país e do mundo. Os acontecimentos políticos, as conquistas, as mudanças na sociedade vão compondo o quadro geral, dentro do qual nossa vida se desenrola.

Quando temos uma visão mais centrada no momento presente, a impressão imediata é que é o espaço que define os rumos das aulas de educação física. Na realidade do dia a dia escolar, quando planejamos uma aula, é a partir dos equipamentos de que dispomos que vamos estruturando nossa maneira de ensinar. Usar a criatividade é prática cotidiana na vida de grande parte de professores de educação física preocupados com o desenvolvimento de todos os conteúdos pertinentes à nossa área. E quantas vezes não nos sentimos frustrados ao percebermos o quanto a estrutura material priva nossos alunos. Entretanto é em um campo de visão mais amplo que entendemos que a construção do espaço é reflexo da ordem que se estabelece. Ora, se a educação física vive um momento em que o esporte torna-se a prática hegemônica, nada mais lógico do que a construção de lugares apropriados para essa prática dentro das escolas. As necessidades que surgirão no futuro também implicarão em nova estrutura para abrigar sua execução.

A outra consideração relevante é que nem sempre o espaço disponível é aproveitado, ou seja, mesmo as escolas que dispõem de ambientes diversificados sofrem com a limitação, explícita ou não, da apropriação desses espaços pela educação física. Isto quer dizer que há uma simbologia tão forte ligando a quadra às aulas de educação física que muitas vezes fica difícil romper esse paradigma e olhar para outras opções de ambiente para nossas aulas dentro da escola.

É claro que a escolha dos conteúdos a serem cobertos influi muito em nossa organização e utilização de espaços. O que é importante lembrar é que não deve ser o espaço que define essa escolha.

Se a arquitetura escolar é modificada e moldada de acordo com nossas necessidades, cabe a nós transformar esse ambiente de maneira que possamos alcançar a excelência no ensino da educação física dentro das escolas. Afinal, o espaço da educação física não precisa ser apenas a quadra.

A missão de demonstrar que arquitetura escolar e desenvolvimento dos conteúdos da nossa disciplina estão fortemente interligados parece ter sido cumprida. Muitas novas questões surgem a partir desse ponto. Porém, como ouvi tantas vezes durante minha graduação, uma boa aula é aquela que deixa muitas dúvidas, pois incitará a reflexão e alimentará a curiosidade na busca do conhecimento. Este, portanto, não é fim do meu trabalho de conclusão de curso. Mas espero que seja o início de muitos outros que virão.

Referências Bibliográficas

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

DANAIOLOF, Kátia. **Corpos e cidades**: lugares da educação. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUIMARÃES, Vera Maria B. Calazaens. **A mensagem de uma fotografia jornalística**. Disponível em:

<<http://www.studium.iar.unicamp.br/13/2.html?studium=index.html>>. Acesso em: 01 out. 2006.

MARCASSA, Luciana. A Educação Física face ao projeto de modernização do Brasil (1900-1930): as histórias que se contam. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 82-95, jul. 2000.

MARQUES, Taícia. **A relação entre espaço físico escolar, políticas públicas e os conteúdos da educação física**: o caso do Colégio Estadual Culto a Ciência de Campinas. 2003. Monografia (Graduação) - Unicamp, Campinas, 2003.

SANTIN, Silvino. **Educação Física**: temas pedagógicos. 2. ed. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p. 6-12, 1996. supl. 2.

_____. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Educação e tradição**: EEPG "Francisco Glicério" de Campinas 1897-1997. Araraquara: Seção Gráfica FCL, 1997.

_____. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 - 1910). São Paulo: Ed. da Unesp, 1998.